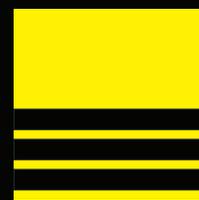


Parque da Memória

paisagem, arquitetura e imigração

cadernos de tc

Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA



Cadernos de TC 2018-2

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, E. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Maryana de Sousa Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Detalhamento de Maquete

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Daniel da Silva Andrade, Dr. arq.

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e Crítica

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Maíra Teixeira Pereira, Dr. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Anderson Ferreira de Sousa M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira

(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quinta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2018/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

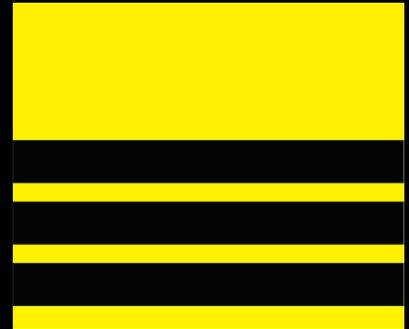
Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final.

A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Alexandre Ribeiro Gonçalves
Maryana de Souza Pinto
Pedro Henrique Máximo



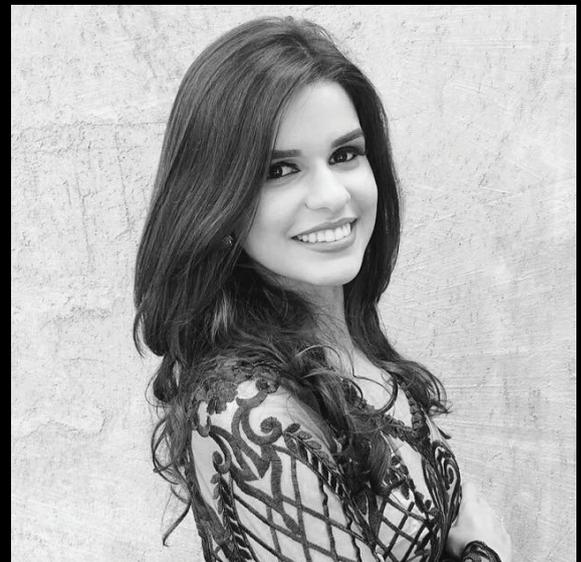
PARQUE DA MEMÓRIA

paisagem, arquitetura e imigração

Com a análise da história de Anápolis fica claro que os imigrantes tiveram um papel de grande importância na formação e consolidação do município. O parque da Memória tem como objetivo ser um espaço que conte essa história, como e quando ela aconteceu.

A trajetória dos imigrantes em Anápolis pode ser dividida em 5 fases, que foram devidamente separadas dentro do parque, proporcionando ao visitante uma grande viagem ao passado por cada uma dessas fases, um caminho, um percurso a ser traçado que facilitará sua compreensão.

Além de ser um espaço detentor de memória o parque contribuirá com a grande carência de espaços públicos, espaços de lazer e áreas verdes da cidade.



GABRIELLA MIRELLE MENDES

Orientadora: Maryana de Souza Pinto

Contato: gabimirelle@outlook.com

A Viagem

IMIGRANTES

De longínquas terras
Cruzando mar de incertezas
Portaram bagagem de esperanças
Firmando-se em estranhas terras

Resistiram a preconceitos
Sobreviveram a ambientes hostis
E à severa dor da saudade
Amparados na perseverança
Era-lhes vetado fracassar

Labutaram com ardor
Legaram-nos sua influência
Perpetuaram gerações vitoriosas
Pereceram na certeza
Do dever cumprido!

(autor desconhecido)







Introdução

A partir de uma observação cotidiana de Anápolis, surge um questionamento: quem foram os protagonistas na construção e consolidação da cidade? Não seria uma pergunta difícil de responder se a história da cidade estivesse viva na memória de todos os anapolinos. Os grandes contribuidores do crescimento de Anápolis foram eles, os imigrantes.

Por isso, o Parque da Memória tem como intuito contar a história deles: quando, como, porque? São fatos que precisam ser transmitidos. A idéia inicial era criar apenas um museu/memorial que agrupasse e eternizasse toda essa saga dos imigrantes em Anápolis.

Porém, com o desenvolvimento da pesquisa surge a proposta de inserir toda essa idéia dentro do parque, pois assim já estaria colaborando com a carência de espaços públicos, áreas de convivência e áreas verdes da região e permitindo ao mesmo tempo uma flexibilidade de contar essa história em uma área maior.

A história da imigração em Anápolis pode ser dividida em 5 fases, que serão devidamente separadas dentro do parque, proporcionando ao visitante uma grande viagem ao passado por cada uma dessas fases, um caminho, um percurso a ser traçado que facilitará sua compreensão!

Antes de apresentar toda a pesquisa e a proposta para o parque iniciaremos com a conceituação de três importantes termos para o projeto: imigração, memória e parque urbano.

Imigração

conceituação, datas, momentos

A imigração é uma ação constante que acontece e aconteceu em todos os momentos históricos da humanidade. Os objetivos dessas migrações são variados, porém sempre acompanhados do desejo de encontrar uma vida melhor em seu novo destino. Os imigrantes não trazem consigo apenas esse desejo, eles também são acompanhados de uma bagagem cultural e histórica do seu lugar de origem. Por isso, em várias cidades se é possível ver diferentes culturas e junção de culturas sendo expressadas das mais diversas maneiras.

No Brasil, por volta do século XVIII o fornecimento da mão de obra escrava negreira para os agricultores brasileiros encontrava-se em crise, foi então que em 1850 aconteceu a extinção do tráfico negreiro e a abolição em vários países da América, incluindo o Brasil. No ano 1871 com a Lei do Ventre Livre e em 1888 com a Lei Áurea a escravidão deixou oficialmente de existir, criando assim uma lacuna de trabalhadores, que foi preenchida por mão de obra estrangeira. Imigrantes, vindo de vários países, distribuíram-se pelo Brasil.



Dia 03 de novembro de 1871, Gomes de Sousa Ramos, filho de Dona Ana das Dores Ramos, inaugurou na região que futuramente se tornaria Anápolis a capela prometida por sua mãe.

Por causa da construção da capela, em 1872, foi criada a Freguesia de Santana. Em 15 de dezembro de 1887, Anápolis foi elevado à condição de Vila. E finalmente em 31 de julho de 1907 a vila foi elevada à condição de cidade.



Em 7 setembro de 1935 Anápolis foi duplamente beneficiada com a chegada da ferrovia. Primeiro, pela própria implantação que contribuiu para dinamizar a economia da região e por ser o ponto terminal dos trilhos. E segundo, pela crescente chegada de imigrantes à cidade, que foi intensificada após a chegada da ferrovia, houve claramente uma correlação entre chegada dos trilhos na cidade e seu aumento populacional. Baianos, sírio-libaneses, italianos e japoneses foram comunidades que muito contribuíram para o crescimento da cidade. A estrada de ferro Goiás foi seguramente o maior fator de progresso do Estado de Goiás na primeira metade do século XX.

O crescimento populacional e econômico de Anápolis se justificou, principalmente, a partir de ondas migratórias que se verificou de tempos em tempos no município. Ondas essas que podem ser divididas em cinco momentos. Desde primeiras aglomerações no território da cidade, por imigrantes estrangeiros, até os dias atuais.

1956 **Construção de Brasília**

Outro grande fluxo migratório aconteceu em 1956, dessa vez devido à construção da nova capital Brasília. Anápolis era, entre todas as cidades na proximidade da capital em construção, a que melhor tinha infraestrutura para desenvolver as atividades necessárias ao suporte de construção da cidade. Milhares de pessoas passaram por Anápolis em direção a Brasília e muitas delas optaram por ficar na cidade.

1970 **Instalação da Base Aérea**

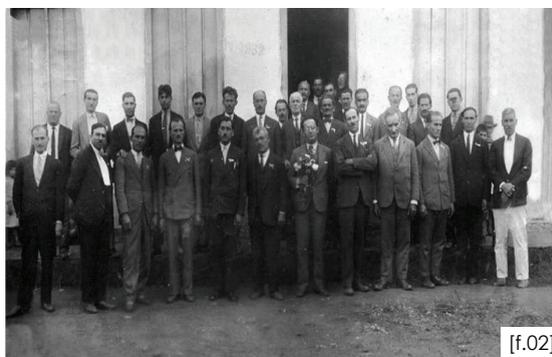
Em 1970 milhares de pessoas entre militares e suas famílias mudaram para a cidade, diante de novas oportunidades oferecidas pela instalação da unidade militar em Anápolis.

1976 **Instalação do DAIA**

A instalação do DAIA (Distrito Agroindustrial de Anápolis) em 1976, trouxe novos investimentos e muitos postos de trabalho, aumentando a massa salarial da cidade e movimentando o comércio. Atualmente imigrantes, de várias partes do país e também do exterior, têm se deslocado para Anápolis em busca de empregos e oportunidades melhores em uma das 110 indústrias do DAIA.



[f.01]



[f.02]



[f.03]



[f.04]

[f.1] Igreja de Santana, 1909
Fonte: Acervo Museu de Anápolis.

[f.2] Membros da União Síria, em Anápolis, cerca de 1931.
Fonte: Acervo Museu de Anápolis.

[f.3] Panorâmica do Daia, 1975.
Fonte: Acervo Museu de Anápolis.

[f.4] Base Aérea, 1974. Prefeito Eurípedes Junqueira, Comand. Jayme Peixoto e o Minist. da Aeronáutica Terra de Faria.
Fonte: Acervo Museu de Anápolis.

POLONIAL, Juscelino. Anápolis nos Tempos da Ferrovia. Anápolis: Kelps, 2011.

POLONIAL, Jucelino M. Ensaio Sobre a História de Anápolis. Anápolis: AEE, 2000.

Dentre esses cinco períodos, aquele que mais marcou a cidade foi o ano de 1935, com a inauguração da estação ferroviária em Anápolis. A cidade tinha sua economia estagnada devido à falta de transportes rápidos e eficientes. O comércio não se desenvolvia, pouco se vendia e pouco se comprava, e com a chegada dos trilhos toda essa realidade se transformou, pois, o fato da cidade ser agora o ponto terminal dos trilhos atraiu muitos imigrantes. A cidade deu, em especial, um grande salto na sua economia neste período.

[...] foram inauguradas as primeiras estações da rede ferroviária na região sudeste do estado. [...] Com a ferrovia chegaram o cinema, o telégrafo, o telefone, a energia elétrica e a possibilidade de se fazer assinaturas de jornais e revistas produzidos nos grandes centros, recebendo-se a informação com uma rapidez até então desconhecida (COELHO, 2011, p.75).



Alguns imigrantes em especial tiveram destaque na construção da história de Anápolis, como o Dr. James Fanstone, imigrante inglês que chega na década de XX finca raízes com a construção do Hospital Evangélico e com a divulgação do protestantismo na cidade. Em outra ponta religiosa, uma imigrante baiana Maria Tereza de Jesus (dona Terezona), foi quem deu origem a uma das principais festas católicas de Anápolis. Até mesmo famosos de Hollywood escolheram Anápolis dentre tantos outros lugares no mundo como destino, Joan Lowell, a principal dessas estrelas, ficou conhecida como dona Joana, ela era escritora e atriz. Chegou a escrever um livro chamado "Terra Prometida" relatando sobre sua vinda para o estado de Goiás em 1940.



[f.06]



[f.05]



[f.07]



[f.08]



[f.09]

[f.05] População aguardando a chegada do trem na festa de inauguração.
Fonte: Acervo Museu de Anápolis

[f.06] Dr. James Fanstone fundador do Hospital Evangélico e a divulgação do protestantismo na cidade.
Fonte: Acervo Museu de Anápolis

[f.07] Trem de Ferro na Estrada de Ferro Goiás
Fonte: Acervo Museu de Anápolis

[f.08] Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente, ainda não inaugurada, 1934.
Fonte: Acervo Museu de Anápolis

[f.09] Festa de inauguração da estação Ferroviária de Anápolis.
Fonte: Acervo Museu de Anápolis

[f.10] Família de imigrantes Japoneses.
Fonte: Acervo Museu de Anápolis

[f.11] Família de imigrantes em Anápolis.
Fonte: Acervo Museu de Anápolis



[f.12]



[f.11]

Memória

conceituação

Em *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosi, diz que o movimento pelo qual se constrói a memória remete, portanto, a múltiplos caminhos: aos meandros insondáveis da liberdade de um espírito que se defronta com a matéria, aos quadros sociais que a situam e delimitam e às mediações por que passa ao longo do tempo. Outra leitura contundente que Ecléa traz é a caracterização da memória como força espiritual. Para ela, a memória é uma força espiritual prévia a que se opõe a substância material, seu limite e obstáculo. A matéria seria, na verdade, a única fronteira que o espírito pode conhecer.

[...] a memória é uma matéria de constante reconstrução, que busca responder questões colocadas no presente. [...] é um equívoco interpretar as experiências do passado com uma adição e sobreposição de fatos. (BOSI, Ecléa).

Segundo Jacques Le Goff, a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. O estudo da memória passa da Psicologia à Neurofisiologia, com cada aspecto seu interessando a uma ciência diferente, sendo a memória social um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História. Tornarem senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas.

Nosso corpo, com tudo o que o cerca, nada mais é do que a ponta movente que nosso passado empurra a todo momento, para nosso futuro. A memória entendida nesse sentido corresponde a uma fonte inesgotável para que o homem varie de resposta a determinadas situações, para que ele invente novos horizontes.

Em *Matéria e Memória*, Henri Bergson, afirma que a memória é o esforço por fazer vir à superfície o que estava imerso e oculto, movimento este que restringe o campo de indeterminação e a dúvida do sujeito, levando a retomar práticas consagradas, que anteriormente tinham sido bem sucedidas. A memória está sempre integralmente presente, mas sob o modo da virtualidade, ela nos acompanha por inteiro ao longo da vida, atualizando-se em geral em função das exigências da ação. Na perspectiva inaugurada por Bergson, estamos imersos na duração, em uma temporalidade que dura; nossa memória não consiste de modo algum em uma regressão do presente ao passado, mas, ao contrário, em um progresso do passado no presente.

"Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notar atas, porque estas operações não são naturais" (NORA, 1993, p.13).

No campo da pesquisa, a memória se torna um valioso recurso para se pensar as intervenções urbanas, pois ela opera segundo uma perspectiva mais antropológica. Cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, por isso as memórias individuais são tão importantes quanto as coletivas, ambas são valiosas para a compreensão das dinâmicas sociais do tempo e espaço. A memória é um fato que se deu e se consolidou no passado e que precisa ser resgatado para isso os memoriais, museus e os monumentos contemporâneos são erguidos no tecido urbano como grandes elementos detentores da memória.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução: Paulo Neves - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e memória / Jacques Le Goff*; tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

Parque urbano

conceituação

O surgimento dos parques se fundamenta em dois pontos primordiais e norteadores: a urbanização e a industrialização dos países. Esse processo de urbanização se deu primeiramente na Europa e nos Estados Unidos; segundo Martins Júnior (2007), essa manifestação se deu com o surgimento das grandes cidades e das metrópoles, baseado primeiramente na industrialização e depois no êxodo rural. O termo urbanização designa, tecnicamente, o fenômeno pelo qual a população urbana cresce em proporção superior à população rural. (MARTINS JÚNIOR, 2007, p. 37).

Sendo assim, no final do século XVII com o aumento da insalubridade nas cidades européias e com os primórdios da Revolução Industrial surgiram filosofias favoráveis ao surgimento de novas relações da natureza com a sociedade, diminuindo o teor antropocêntrico dominante até aquele momento.

No final do século XVII com o aumento da insalubridade nas cidades européias e com os primórdios da Revolução Industrial que surgiram filosofias favoráveis ao surgimento de novas relações da natureza com a sociedade, diminuindo o teor antropocêntrico dominante até aquele momento. (SILVA, 2003, p. 45) afirma que:

“ A cidade era o berço da poluição, do ar e sonora, e dos maus costumes, e o campo passou a ser um local desejado, uma vez que possuía ar fresco e tranquilidade. Por isso, há o surgimento da valorização do campo e das áreas verdes no urbano [...] ”

No Brasil, o surgimento dos primeiros grandes parques ocorreu após a chegada da família real portuguesa. O estilo, em questão de estética e estrutura se baseava nos parques norte americano e europeu, mas com necessidades distintas. Porém enquanto nos EUA e na Europa os parques surgem com o fundamento de atender as necessidades da massa urbana, no Brasil isso

ocorre para ser “ figura complementar ao cenário das elites emergentes, que controlavam a nação e procuravam construir uma configuração urbana compatível aos modelos ingleses e franceses” (BOVO, 2008, P.75).

Segundo Macedo e Sakata (2010), todo espaço de uso público voltado para a recreação de um grande número de pessoas, com o intuito de preservação e com uma estrutura que não esteja diretamente influenciada por qualquer área edificada em seu entorno, é denominado como parque.

Os parques visam atender a diversas formas de lazer e não somente são voltados para o lazer contemplativo, principal característica dos primeiros parques públicos.

O parque como espaço público se conecta com a necessidade de sociabilidade entre os homens, ou seja, é o produto e portanto é uma construção social. Mas seu espaço no ambiente em construção gera novas relações de sociabilidade neste espaço, reconstruindo seu próprio papel como espaço. (SOUZA,2008).

MOURA (2010, p. 30) considera como:

Parque urbano o espaço livre urbano público com dimensão quase sempre superior à de praças e jardins públicos, destinado ao lazer ativo e contemplativo, à conservação dos recursos naturais e à promoção da melhoria das condições ambientais da cidade. Alguns parques urbanos podem constituir-se também como unidades de conservação. Os parques lineares são aqueles formados pelas faixas de terra existentes ao longo de rios e lagos, também com funções recreativas e conservacionistas.

A Luta

IMIGRANTES

De longínquas terras
Cruzando mar de incertezas
Portaram bagagem de esperanças
Firmando-se em estranhas terras

Resistiram a preconceitos
Sobreviveram a ambientes hostis
E à severa dor da saudade
Amparados na perseverança
Era-lhes vetado fracassar

Labutaram com ardor
Legaram-nos sua influência
Perpetuaram gerações vitoriosas
Pereceram na certeza
Do dever cumprido!

(autor desconhecido)



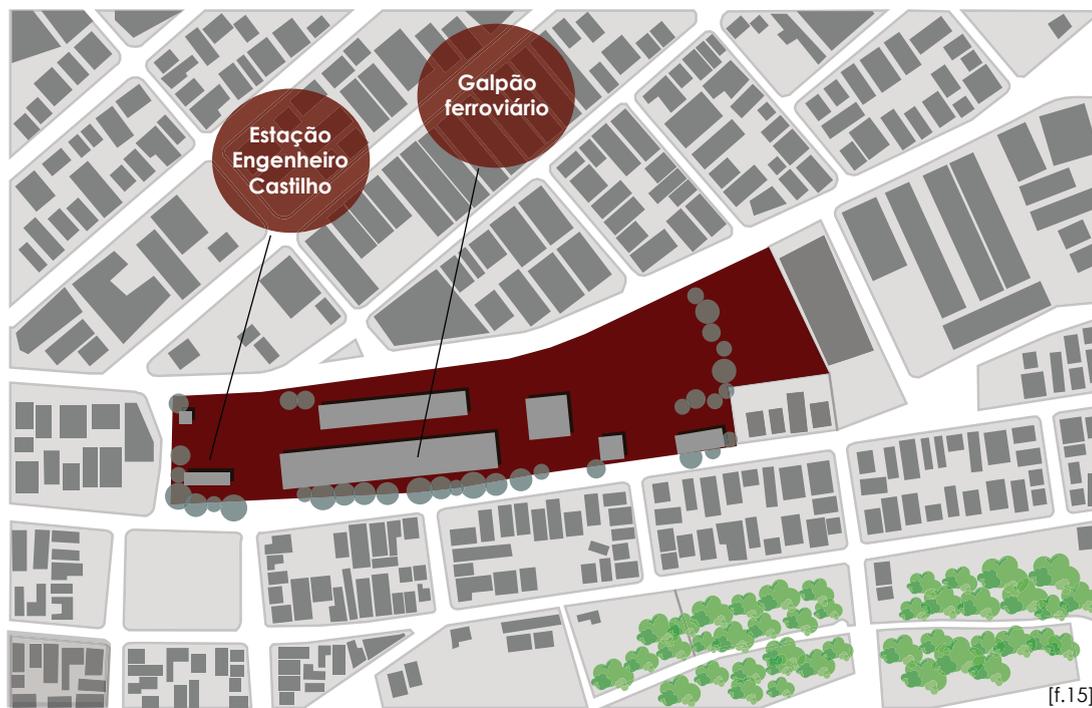
Terreno

Vila Industrial Jundiáí

A escolha foi motivada pelo fato do terreno escolhido ser um dos locais onde os trilhos da antiga ferrovia passavam. Com a intenção de resgatar toda a bagagem histórica do lugar.

O terreno se localiza no bairro Vila Industrial Jundiáí e conta com uma área de 32.610m². O bairro Vila Industrial Jundiáí, localiza-se na parte sul da cidade de Anápolis, com apenas 2,2km de distância do centro. O surgimento do bairro, na década de 1950 foi em consequência da linha férrea e também com a função de abrigar indústrias que estavam nascendo na cidade e resolver o problema da habitação visto que muitas pessoas estavam migrando para o município.

O terreno abriga a antiga estação ferroviária " Engenheiro Castilho " , inaugurada em 1951. A mesma já foi reformada e descaracterizada; já funcionou como prefeitura e hoje foi transformada em "padaria municipal". Nas proximidades dela ainda existem grandes galpões, feitos de estrutura e fechamentos metálicos. Apenas um deles (indicado no mapa) foi construído na época da estação e tinha uso ferroviário, porém eram de um modelo não visto em nenhuma outra estação, já os outros galpões foram construídos posteriormente. Atualmente esses galpões são usados como sede de algumas secretárias da Prefeitura Municipal de Anápolis. O espaço também está sendo utilizado como estacionamentos para alguns automóveis do município.



[f.13] Mapa da cidade
Fonte: Autorial,2018

[f.14] Mapa da estrada de ferro Goiás
Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/mapas-ferrovias/1954-EFG-Goias.shtml>, acessado dia 24 de setembro 2017.

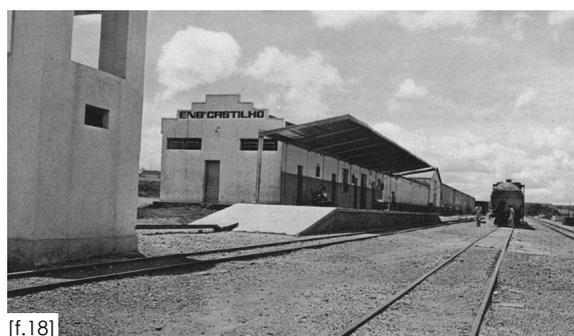
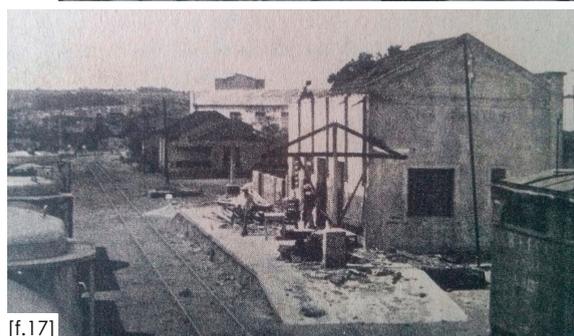
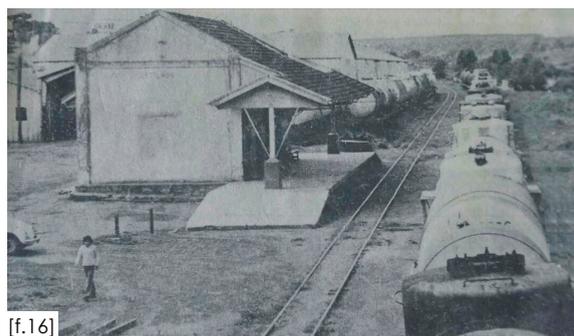
[f.15] Mapa das prés existências do terreno
Fonte: Autorial,2018

■ Terreno Analisado ■ Edifícios Pré Existentes ■ Vegetação Existente



Engenheiro Castilho

perda de identidade



[f.16] Estação Engenheiro Castilho em 1951
Fonte: Acervo Museu de Anápolis

[f.17] Estação Engenheiro Castilho em 1970 em sua reforma
Fonte: Acervo Museu de Anápolis

[f.18] Estação Engenheiro Castilho em 1975 após a reforma
Fonte: Acervo Museu de Anápolis

[f.19] Estação Engenheiro Castilho atualmente
Fonte: Autoral, 2018

A Estação Engenheiro Castilho, em 1951 quando foi construída [f.16], apresentava um programa igual as demais estações da década, contando com os ambientes: estação de embarque e desembarque, pátio para a compra das passagens e banheiro.

Em 1970, com a desativação da Estação Prefeito José Fernandes Valente a demanda de passageiros na Engenheiro Castilho aumentou, por isso grandes modificações foram feitas para atender o embarque e desembarque de cargas e passageiros.

Houve uma ampliação da estação onde todo seu projeto arquitetônico original foi modificado desde do programa até o estilo, como podemos ver na imagem [f.17] a estrutura da cobertura da plataforma já sem telhado e o início da demolição de parte da fachada para a conexão com o novo pátio de espera.

Na imagem [f.18], um registro de 1975, é possível observar o final da reforma, a alteração da cobertura da plataforma antes em telha de barro agora em estrutura metálica, a alteração de algumas esquadrias originais em madeira para ferro e vidro e abertura de novas portas e janelas, além de um detalhe decorativo na platibanda com linhas art déco.

Após a sua desativação a estação ficou abandonada até a década de 1970, foi então que o Prefeito Wolney Martins, na década de 80, destinou a realização da Feira de Amostras da Indústria Anápolina – FAIANA neste espaço. Com o tempo a exposição se enfraqueceu e o terreno foi novamente abandonado até a instalação das subprefeituras de Anápolis: Secretaria do Meio Ambiente, Secretaria de Obras, Habitação e Serviços Urbanos nos galpões e na estação a padaria municipal.



Entorno

percepções e conexões



Equipamentos administrativos

- 1 Prefeitura Municipal e Teatro Municipal
- 2 Delegacia da Receita Federal
- 3 Fórum

--- Avenidas importantes

— Córrego Goiás



Praças



Linhas de ônibus



Hidrografia e Vegetação

Não há nenhum curso d' água que corte o terreno de intervenção. O córrego mais próximo é o Góis, no qual parte do seu trecho encontra-se canalizado e em outro trecho margeado por uma faixa de proteção com mata ciliar. Quanto a vegetação a região é deficiente em áreas verdes como também na arborização das calçadas. Nota-se uma carência de espaços públicos como praças e parques para o lazer e convívio dos moradores.

Vias e Acessos

O terreno é cercado por duas avenidas, Avenida Presidente Wilson e Avenida Presidente Vargas, ambas então se conectam com outras importantes avenidas da cidade vindas de diferentes eixos de Anápolis. Percebe-se então que o acesso ao terreno é acessível a variados modais, ao carro, ao pedestre e ao ônibus pelas linhas de ônibus próximas ao terreno. Não há ciclovias ou ciclofaixas nas proximidades do terreno.

Equipamentos/ Polos de Interesse

Nas suas proximidades existe uma grande carência de equipamentos culturais e educacionais, isso só afirma a necessidade da criação de atividades culturais e educacionais para os moradores.

[f.20]

Polos de Interesse

- 4 Hospital Municipal
- 5 Galpões
- 6 Colégio São Francisco

Equipamentos culturais

- 7 Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho

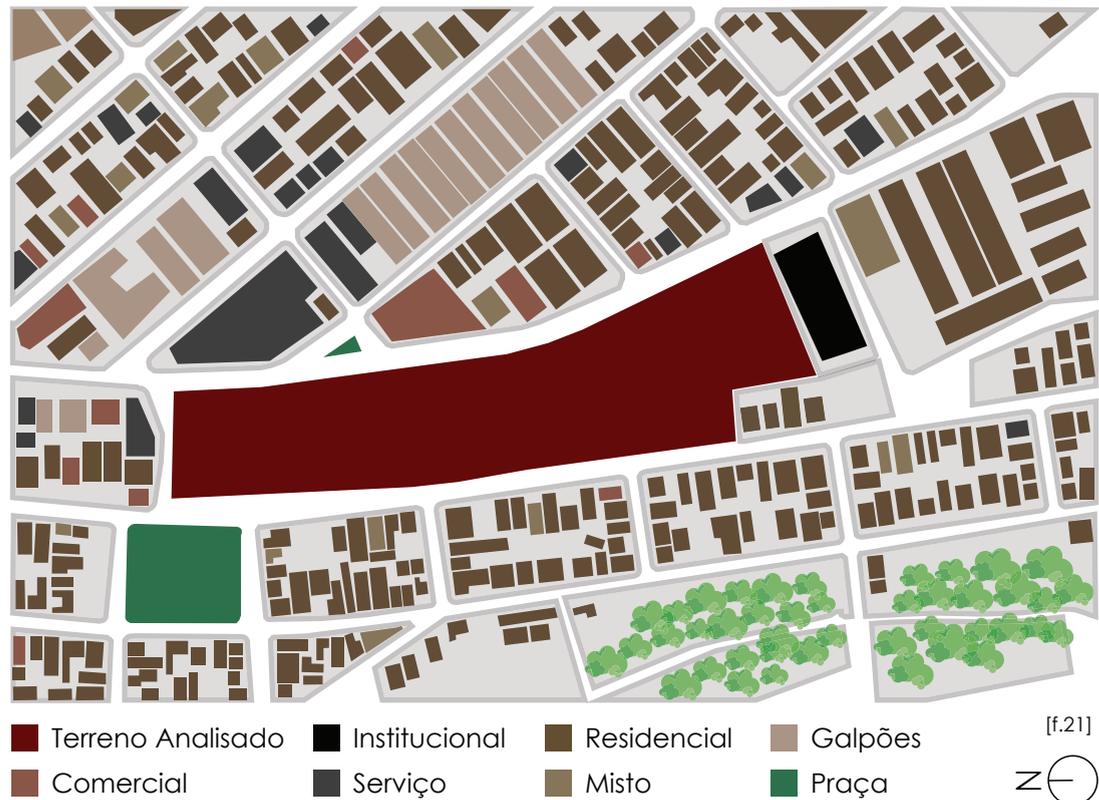
Equipamentos educacionais

- 8 UEG - Universidade Estadual de Goiás campus ciências socio-econômicas e humanas

[f.20] Mapa do entorno
Fonte: Autoral, 2018

Morfologia Urbana

usos, tipologias e gabarito



Em razão do processo de urbanização da região o bairro tem como predominante o uso residencial, porém, logo em seguida observamos que por ser uma região remanescente da época ferroviária, há um grande número de galpões que atualmente abrigam os mais variados usos, como: venda de carros, armazenagem de produtos e prestação de serviços.

A tipologia construtiva pode ser dividida em três modelos, as residências unifamiliares que em sua maioria são construções térreas e simples, sem relevância arquitetônica e muitas são desprovidas de acabamentos;

os edifícios multifamiliares de gabarito baixo que varia de 4 a 6 pavimentos e os galpões que apresentam uma tipologia padrão das indústrias da década de 50, edificações com planta livre, cobertura metálica e que ocupam todo o terreno, a altura varia entorno de 5 a 8 metros.

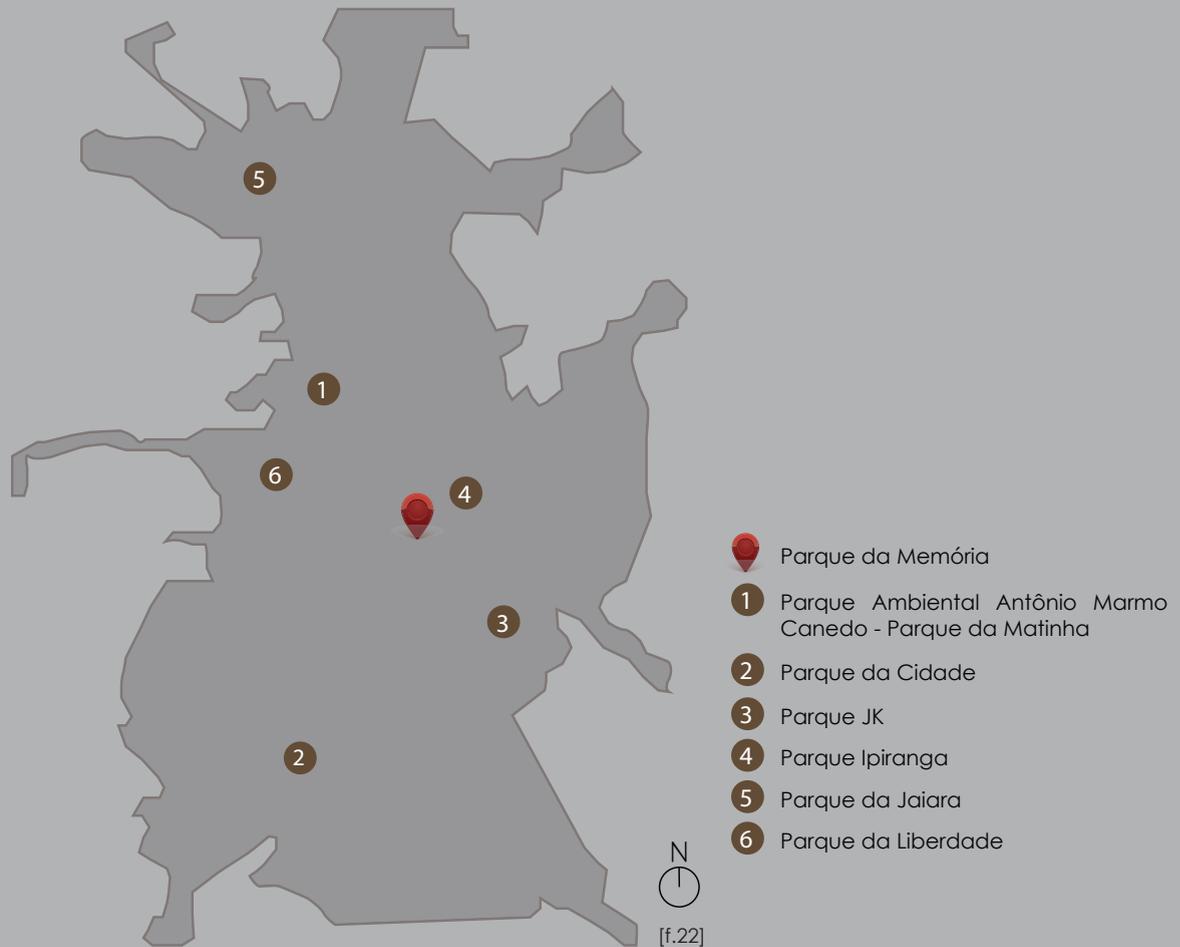
O entorno apresenta ausência de espaços de convivências e a única praça existente encontra-se em situação precária, com mobiliários estragados e iluminação insuficiente, o que faz com que as ruas fiquem cada dia mais vazias e abandonadas por conta do medo e insatisfação dos moradores.

[f.21] Mapa de uso do solo.
Fonte: Autoral, 2018



Parques de Anápolis

usos e fragilidades



[f.22] Mapa dos parques de Anápolis
Fonte: Autoral,2018

[f.23] Parque da Cidade

[f.24] Parque do Ipiranga

[f.25] Parque da Jaiara

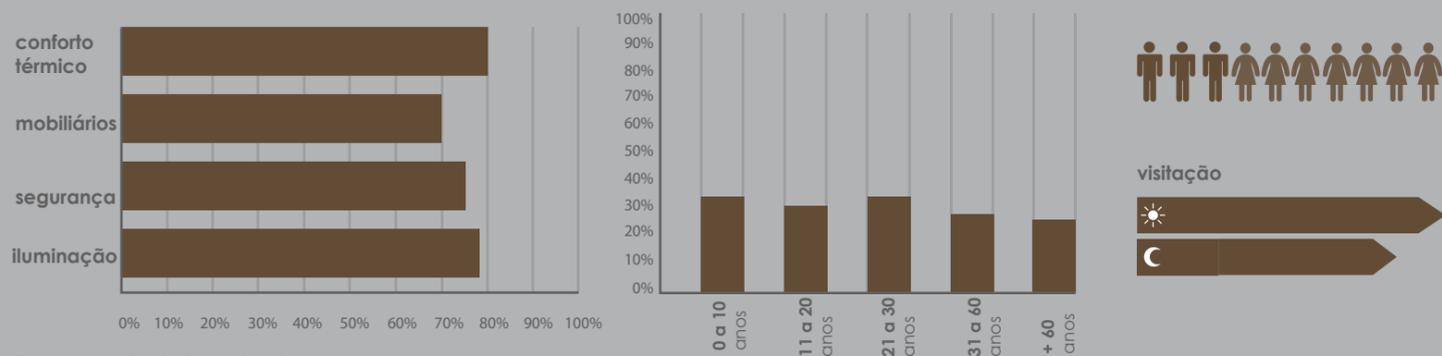
[f.26] Parque da Liberdade

[f.27] Parque JK

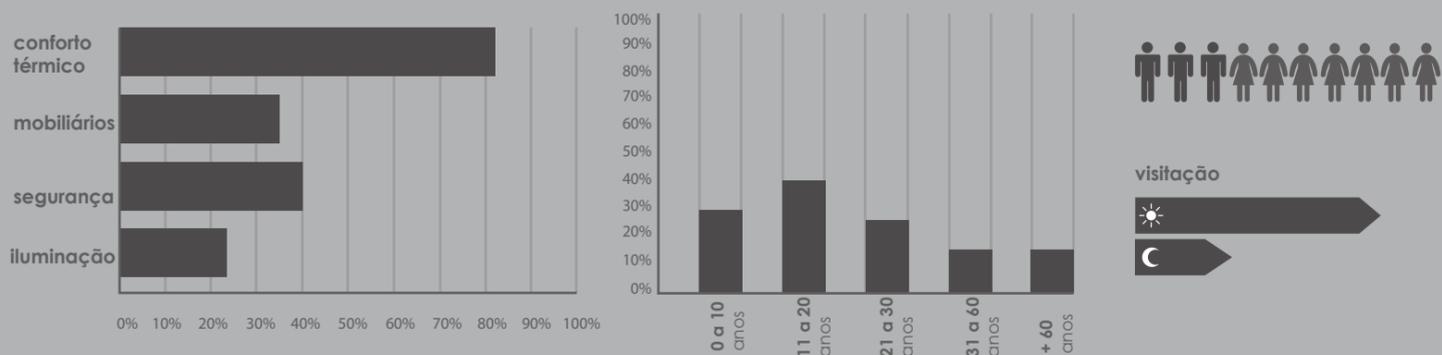
[f.28] Parque da Matinha

O mapa acima mostra onde estão localizados os parques presentes no município. O território anapolino apresenta um índice baixo de parques, levando em conta o tamanho de seus limites territoriais. O que resulta em um baixo contato da população com o ambiente natural e com espaços públicos de qualidade. Além disso, vários dos parques existentes se encontram em situações precárias completamente esquecidos pelo poder público e conseqüentemente pela população.

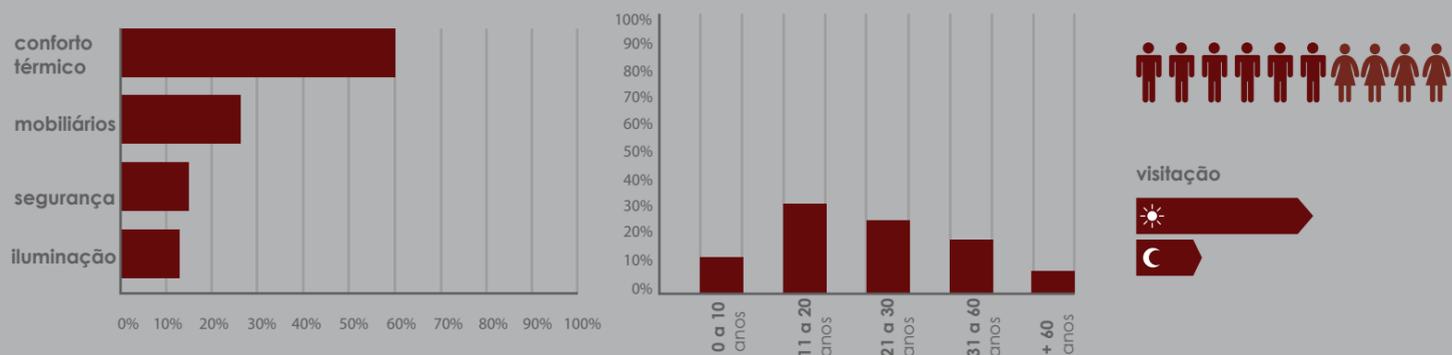
Parque Ipiranga



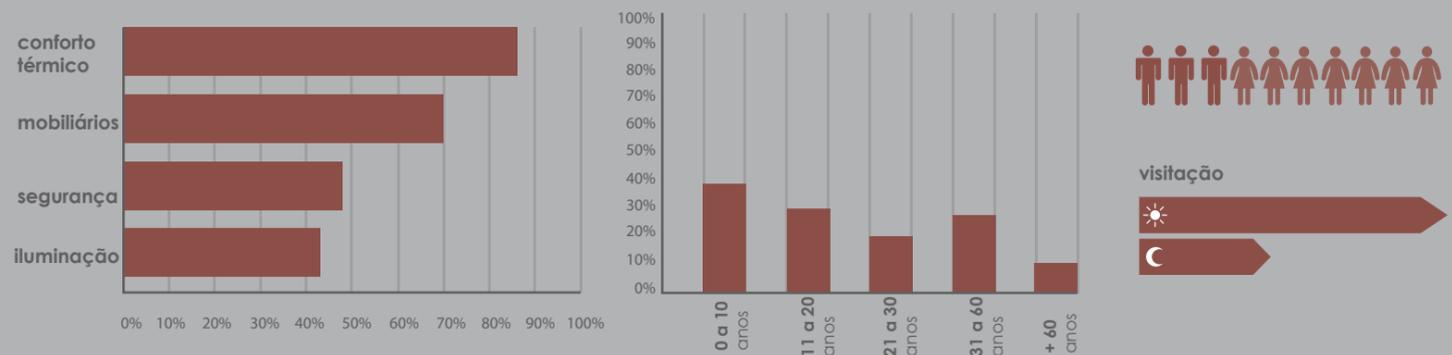
Parque da Liberdade



Parque da Cidade



Parque do Matinha



Parque da Memória

Com a finalidade de entender melhor a real situação dos parques de Anápolis, foi feita uma pesquisa com 4 dos 6 parques existentes na cidade. O objetivo é avaliar a atual situação em que se encontram, nos aspectos que abordam a qualidade dos mobiliários, iluminação, segurança e conforto térmico; além de também analisar se o parque é atrativo para todas as idades, gêneros e horários.

A partir da análise dos resultados em gráficos fica claro as deficiências gerais e individuais de cada um.

O parque Ipiranga é aquele que apresenta os resultados mais satisfatórios, apresentando mais de 70% em todos os itens analisados e ao mesmo tempo sendo interessante para todas as idades. O fato dele estar bem localizado na cidade contribui pelo maior zelo da prefeitura em mantê-lo em bom estado de conservação.

Já no parque da Cidade é encontrado uma situação totalmente contrária onde percebe-se o total descaso do poder público em conservá-lo. O parque fica avastado de todos os bairros da cidade e não apresenta atrativos para a população, o que torna um espaço abandonado, vazio e muito inseguro.

O parque da Liberdade apesar de não possuir equipamentos e conter poucos mobiliários ainda mantém um índice satisfatório de visitação por conta de seus extensos gramados que são bastante utilizados e apropriados para piquiniques, encontros e pelas brincadeiras de crianças.

Por fim, o parque da Matinha, o mais antigo da cidade, sofreu uma reforma recentemente, é bastante visitado pela população infantil, jovem, adulta e idosa, pois contém atividades e espaços estimuladores para todas as idades.

Alguns fatores ficaram bastante evidentes após essa análise, o primeiro é que a deficiência na iluminação é diretamente proporcional a ausência de segurança e a baixa visitação dos parques no período noturno. O ambiente escuro espanta a população e dá lugar a marginalidade, o que torna uma grande perda para a cidade, espaços que poderiam estar sendo usados pela comunidade, porém, por conta de suas fragilidades estão sendo esquecidos.

Outro ponto a se observar é o conforto térmico, aqueles que mostram uma porcentagem satisfatória são parques que apresentam uma cobertura vegetal bastante relevante e alguns ainda contam com lagos artificiais. Tanto as árvores como as águas, são extremamente importantes para o combate das ilhas de calor, amenizando o calor, ameniza-se também a quantidade de energia gasta para a refrigeração de ambientes, o que, consequentemente, também diminui a emissão de gases de efeito estufa na atmosfera.

Por fim, fica bastante claro a carência dos parques anapolinos e a necessidade de inserção de novos no tecido urbano.

Os parques urbanos desempenham uma enorme melhoria na qualidade de vida da cidade, além do lazer outras funções socioambientais relevantes são desempenhadas destacando-se a psicológica, a reconstrução da tranquilidade, a recomposição do temperamento, a amenização dos ruídos e o controle do microclima.

A implantação do Parque da Memória traz consigo essa responsabilidade, de promover a população todos os efeitos positivos que um parque pode oferecer além de compor seu espaço com equipamentos e espaços impulsores da memória, cultura e arte.



[f.23]



[f.25]



[f.24]



[f.23]



[f.26]



[f.24]



[f.27]



[f.28]

Diagnóstico



Potencialidades

- Presença da estação ferroviária Engenheiro Castilho no terreno;
- Grande importância histórica do local;
- Localização privilegiada;
- Acesso ao bairro acessível tanto para o transporte coletivo, quanto para carros e pedestres;
- Existência de rede de esgoto;
- Topografia acentuada que permite a criação de mirantes no parque;



Fragilidades

- Pouca valorização e conservação da estação ferroviária Engenheiro Castilho;
- Ausência de espaços públicos de qualidade para lazer e descanso da população;
- Ausência de áreas verdes;
- Mobiliários urbano precários;
- Iluminação precária, o que torna o lugar marginalizado ao anoitecer;
- Infraestrutura precária;
- Calçadas desniveladas, com obstáculo e em péssimo estado de conservação;
- Ausência de equipamentos culturais

Objetivos



- Valorizar e destacar a estação Engenheiro Castilho em relação ao parque;



- Marcar o caminho que o trem de ferro realizava no terreno;



- Oferecer a população espaços com qualidade para permanência e lazer;



- Implantar um parque que seja usado tanto durante o dia como a noite;



- Implantar equipamentos culturais e educacionais;



- Criar espaços em que o usuário possa se apropriar de várias maneiras;

- Manter viva toda a história e memória dos imigrantes que passaram por Anápolis;

- Oferecer um parque proveitoso para todas as idades e gêneros ;



- Fazer o plantio de árvores do cerrado;



- Mobiliários públicos de qualidade;



- Destinar um espaço para a preservação de áreas verdes;



- Promover a acessibilidade em toda a extensão do parque



- Restaurar a estação Engenheiro Castilho;



- Proporcionar ao visitante uma viagem a história dos imigrantes de Anápolis

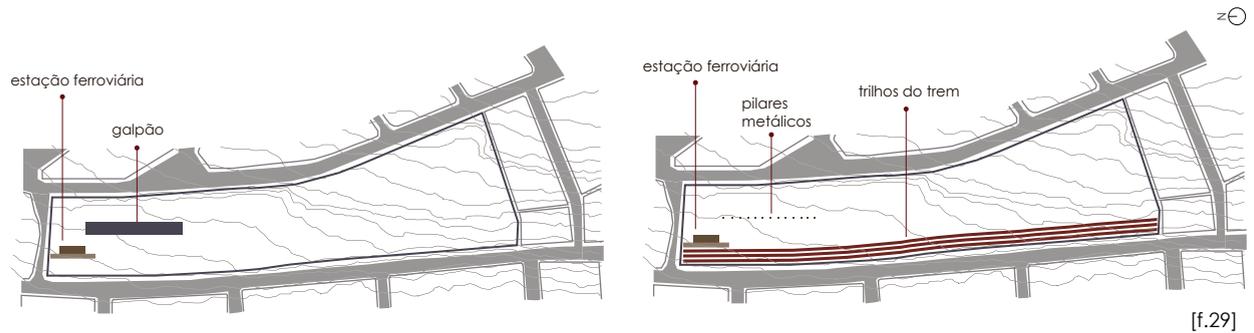


Parque da Memória



Partido

primeiras decisões



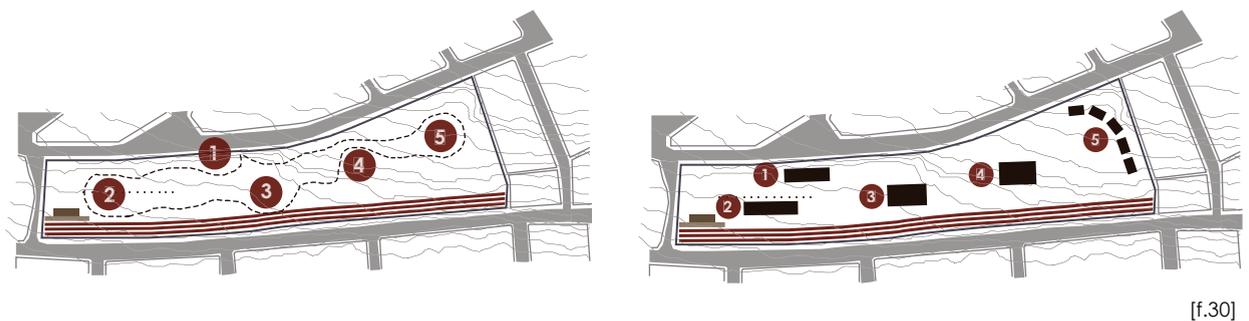
Diante do terreno escolhido para o Parque da Memória surge assim dois objetivos principais, valorizar a estação ferroviária Engenheiro Castilho e resgatar a memória dos caminhos que o trem de ferro realizava no terreno.

A primeira decisão tomada foi retirar tudo aquilo que obstruísse e desvalorizasse a vista para a estação, por isso optamos por

retirar o galpão existente no terreno (construído na época da estação para servir de apoio) mais manter sua memória viva no local deixando apenas os pilares metálicos da sua estrutura. A segunda decisão foi marcar o caminho dos trilhos no terreno, por ter sido uma estação final ela possuía três trilhos, o de ida, o de volta e o de manutenção.

Processo

definições e concepções



[f.29] Esquema explicativo do partido
Fonte: Autoral,2018

[f.30] Esquema explicativo do processo
Fonte: Autoral,2018

[f.31] Foto da maquete produzida
Fonte: Autoral,2018

[f.32] Corte explicativo da topografia
Fonte: Autoral,2018

[f.33] Foto da maquete produzida
Fonte: Autoral,2018

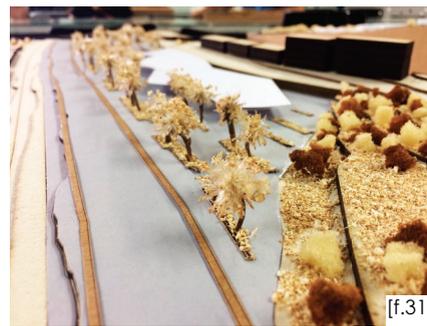
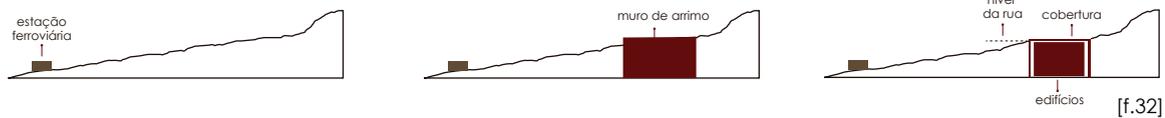
Desde do início tivemos a intenção que a história da imigração fosse contada por um caminho e mostrada fase por fase. Nos primeiros ensaios foram distribuídas as fases por todo o terreno e traçado um possível caminho a ser traçado entre elas, como

podemos ver nos diagramas, em seguida implantamos edifícios em cada fase. É importante ressaltar que desde do início a ideia de valorizar a estação e a marcação dos trilhos já existiam.

Analisando melhor essa primeira proposta observamos que seria mais favorável aproximar algumas fases para que suas transições fossem melhor explicadas e que suas distâncias físicas fossem mais fiéis as cronológicas. A topografia do terreno ainda era um grande desafio a se vencer, foi então que optamos em fazer um muro de arrimo no terreno possibilitando a entrada do parque no nível da Avenida Presidente Wilson pela cobertura do edifício onde aconteceria a 1º fase da imigração

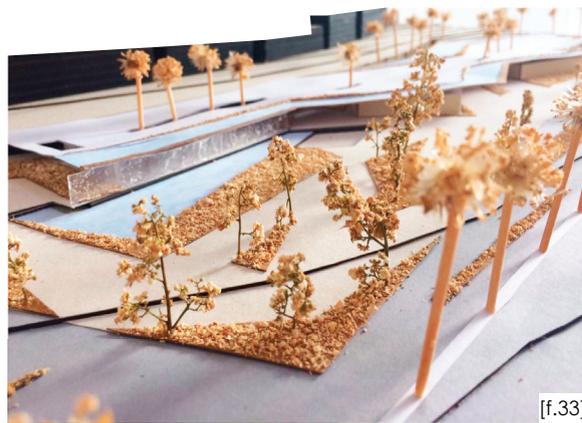
e abaixo da cobertura a 3º, 4º e 5º nos edifícios.

A paginação do parque nesse momento teve como partido a replicação da linha do trem com formatos retangulares e no mesmo sentido da linha do trem. Ainda optamos por criar na área mais acidentada do parque uma área de recomposição ambiental com objetivo de amenizar os impactos do desmatamento do cerrado e da extinção de espécies do cerrado.



Chegamos então a proposta final, onde a grande alteração foi a paginação do piso que teria dois momentos, ela foi então dividida em duas partes, uma delas foi usada na 2º fase da imigração tendo como partido a replicação da linha do trem com

formatos retangulares e no mesmo sentido da linha do trem e a segunda usada na 3º, 4º e 5º fase da imigração que acontece ao redor da cobertura e que foge totalmente das linhas retangulares justamente para diferenciar esses momentos.

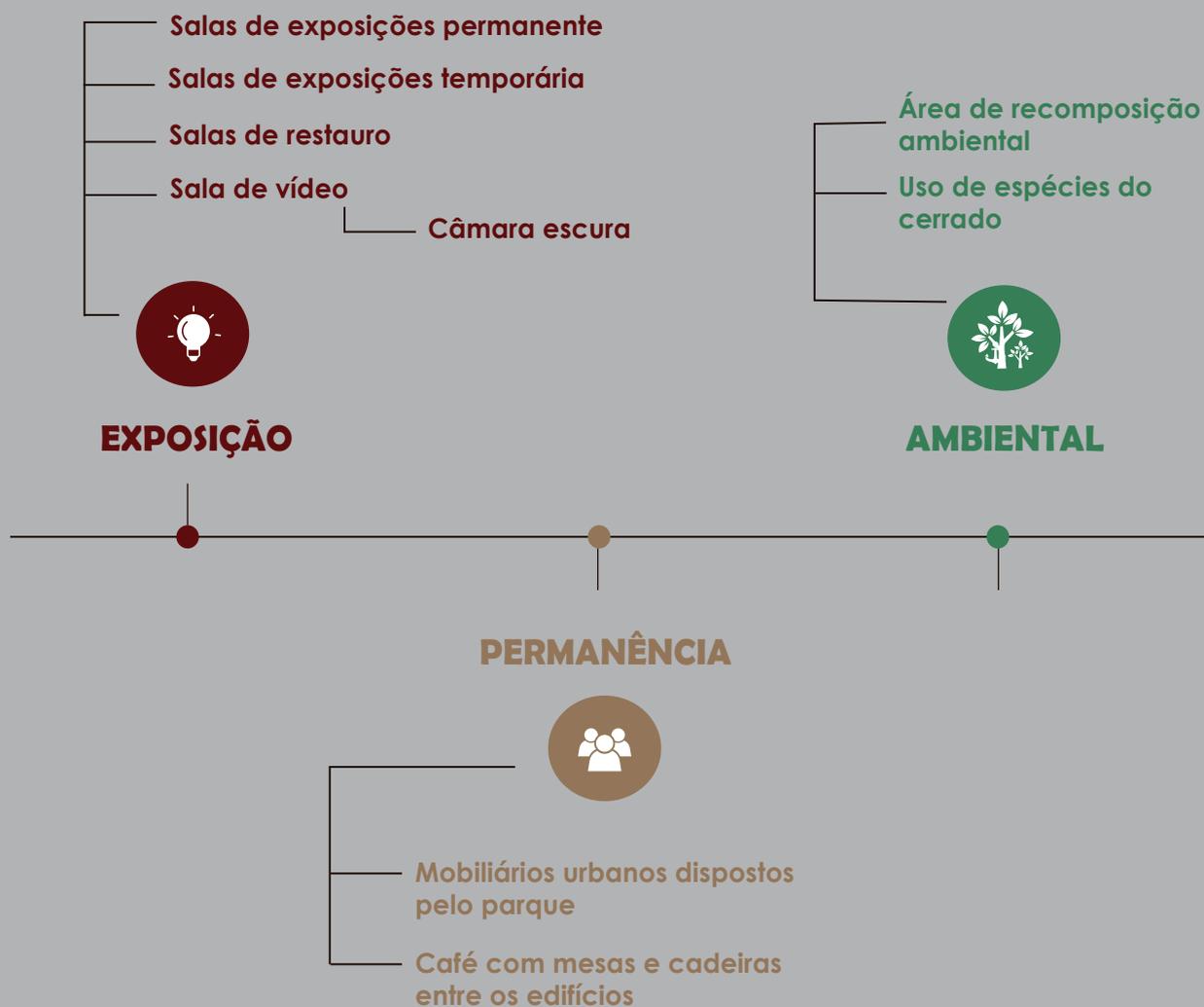


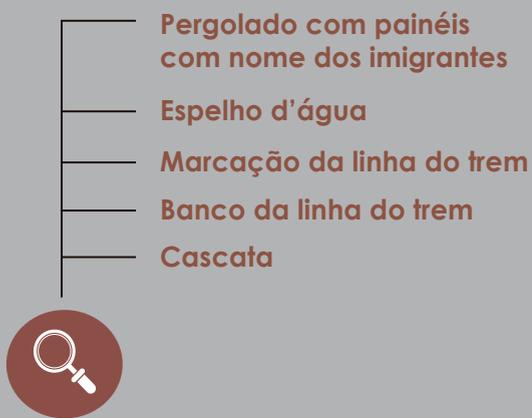
Programa

setorizações

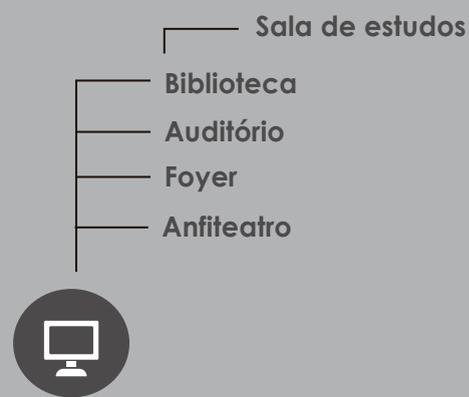
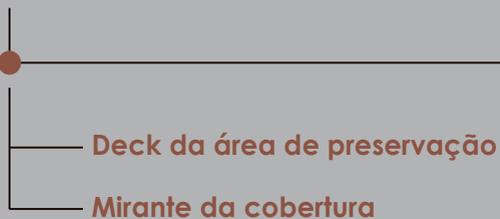
O programa foi criado principalmente a partir do diagnóstico da análise do lugar com suas fragilidades e potencialidades foi possível chegar a alguns objetivos que foram essenciais nas tomadas de decisões para o programa.

A setorização ficou dividida em 6 partes, os setores de exposição, contemplação, educacional, permanência, ambiental e serviço, que juntos constroem a composição do Parque da Memória.



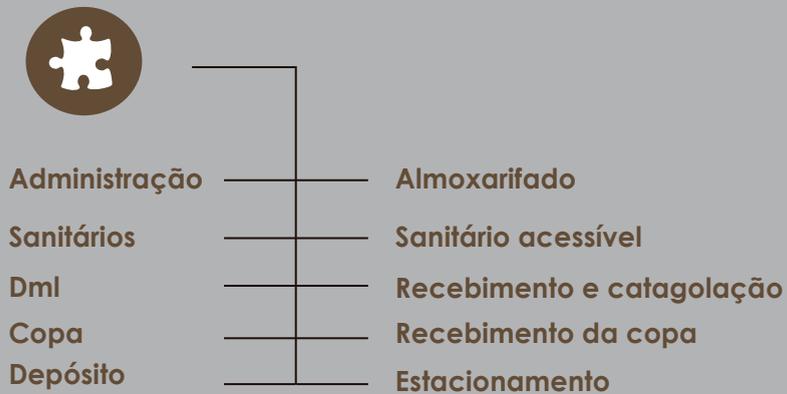


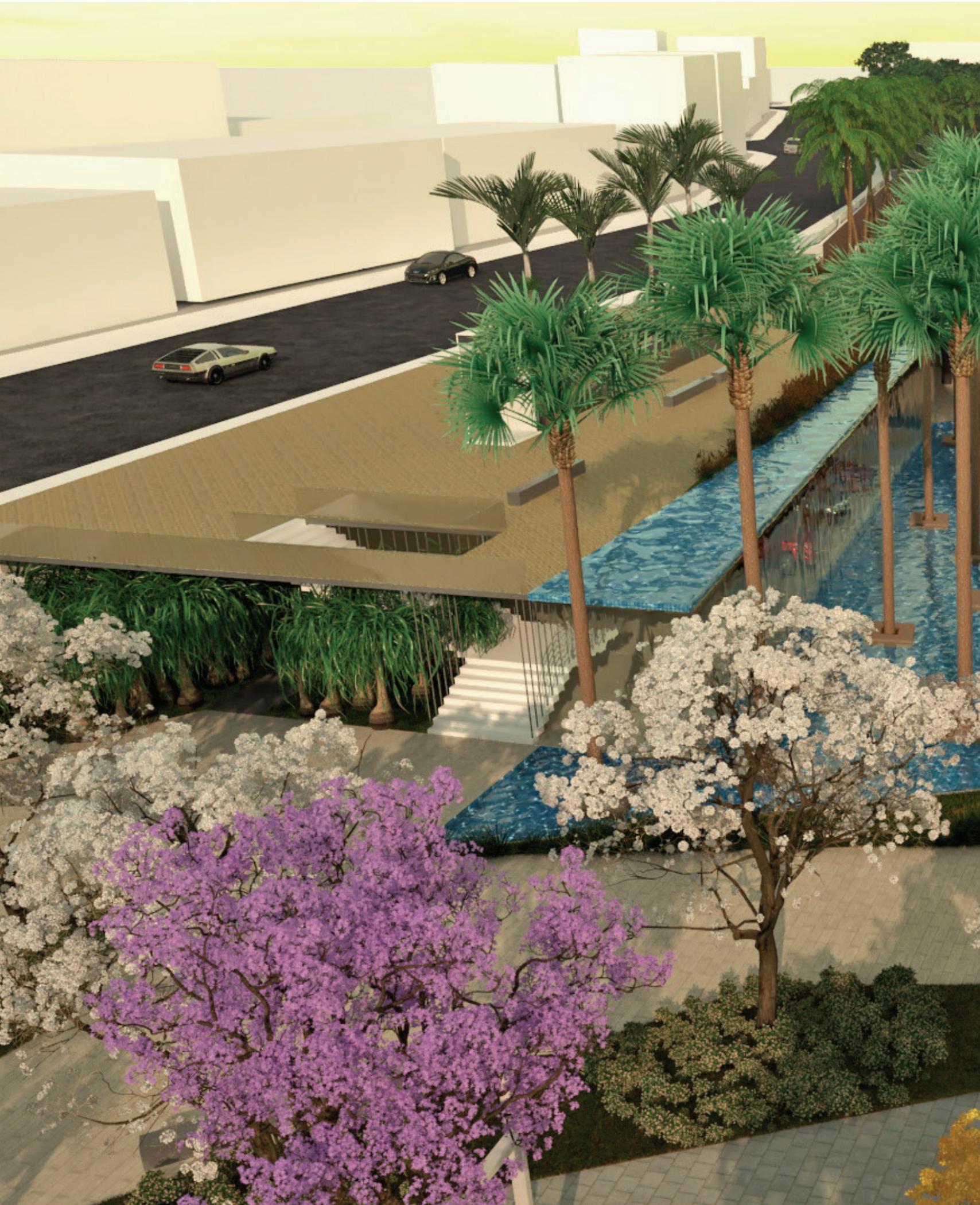
CONTEMPLAÇÃO



EDUCACIONAL

SERVIÇO





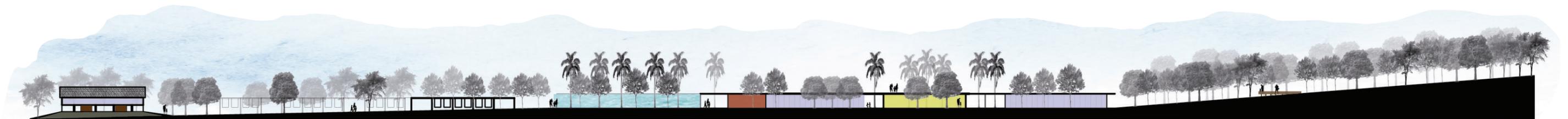
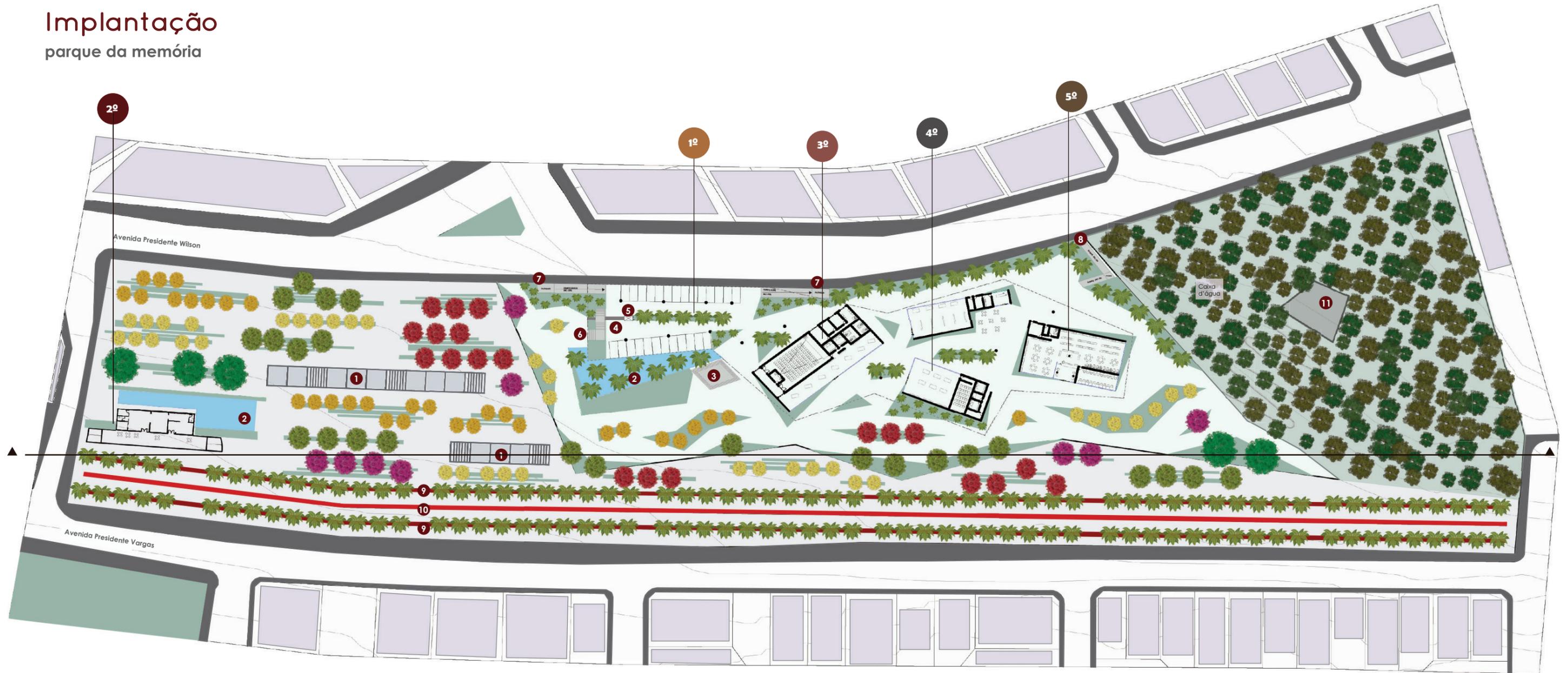
Após a análise histórica e a análise de todo o entorno do terreno chegamos assim a uma proposta final para a implantação do Parque da Memória.

Essa proposta será apresentada em primeiro momento com a sua implantação geral e em seguida aproximando-se de cada uma das 5 fases do projeto, mostrando melhor as particularidades de cada fase.

Além de ser um espaço detentor de memórias o parque tem como intuito suprir uma grande necessidade da cidade que é a ausência de espaços públicos e de convivência, especialmente no período noturno onde a procura por lazer é maior para uma grande parte da população que trabalha durante o dia.

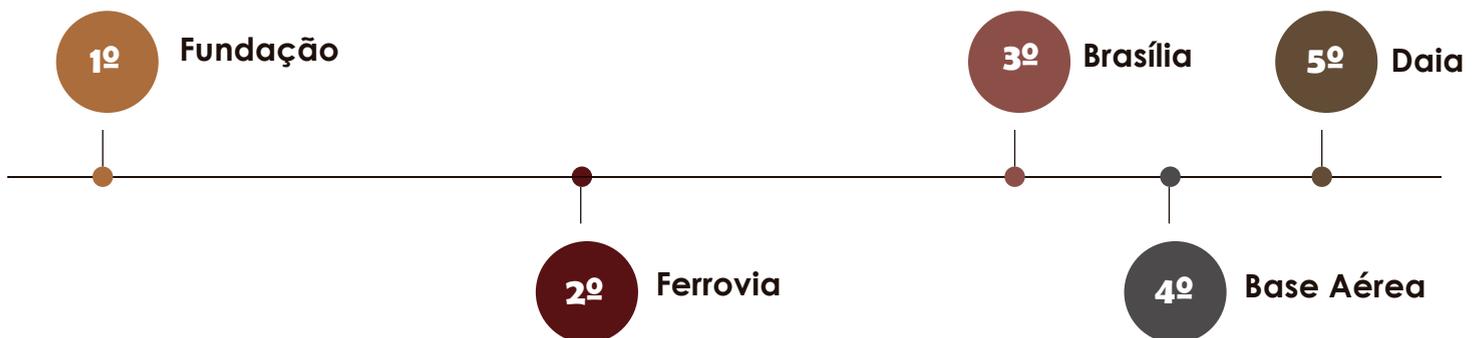
Implantação

parque da memória



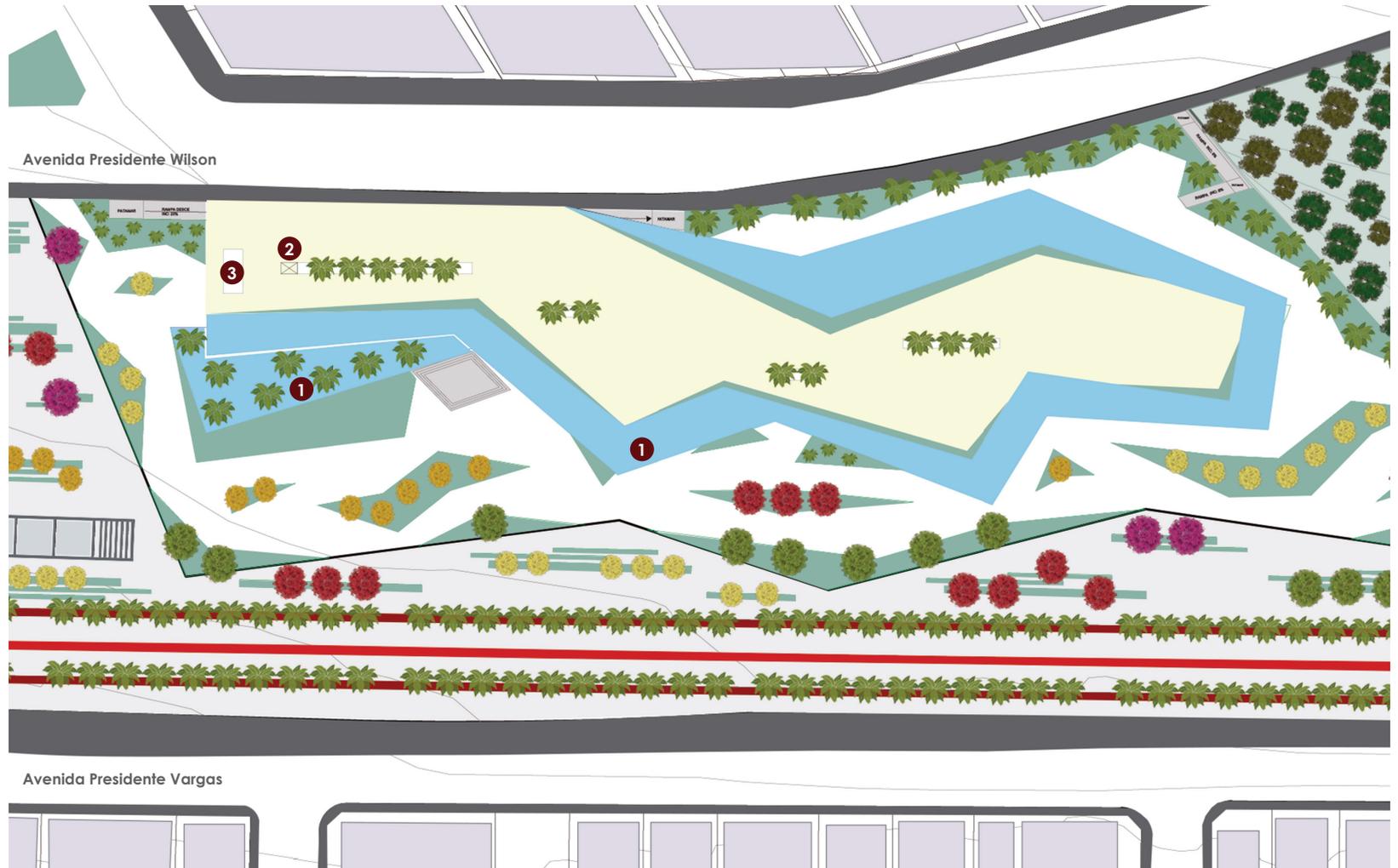
- | | |
|--|--|
| 1 Pergolado |  Ipê amarelo |
| 2 Espelho d'água |  Ipê branco |
| 3 Anfiteatro |  Jacarandá do cerrado |
| 4 Estacionamento |  Pau ferro |
| 5 Elevador |  Cega machado |
| 6 Escada |  Mulungu |
| 7 Rampa do estacionamento |  Palmeira carpentária / jerivá / buriti |
| 8 Rampa para pedestres |  Pata de elefante |
| 9 Marcação do caminho dos trilhos |  Área de Recomposição Ambiental |
| 10 Banco do caminho dos trilhos |  Área de Recomposição Ambiental |
| 11 Deck/Mirante | |

Na planta de implantação podemos ver como ficaram as distribuições de todas as fases. Algo importante a se observar é que toda a implantação respeitou e manteve a mesma altura da estação ferroviária Engenheiro Castilho, para que assim nenhum edifício se destacasse mais do que o pré existente, pois a intenção é valorizar a estação no parque.



1ª FASE - Fundação da cidade

cobertura



1 Espelho d'água

2 Elevador

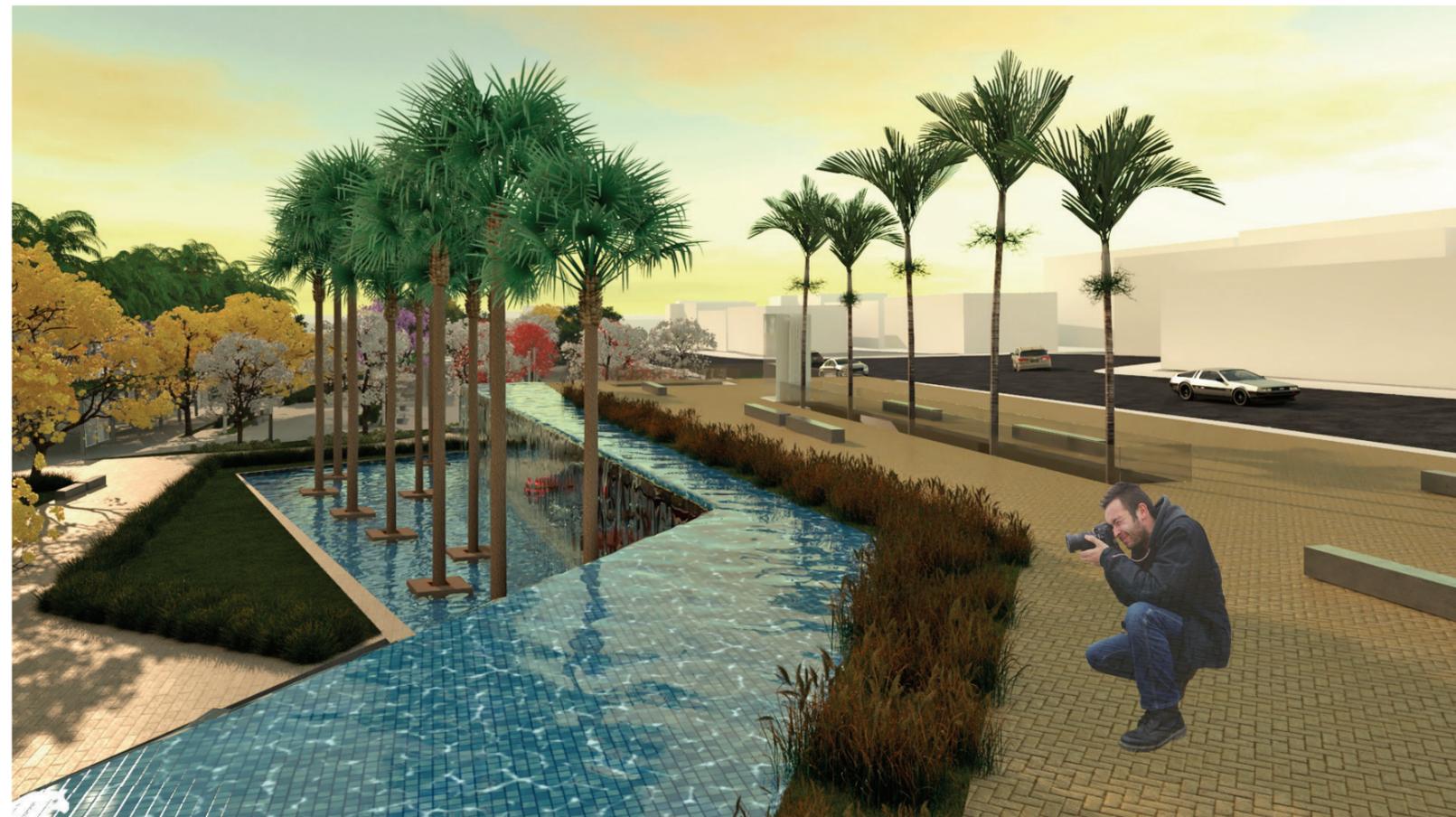
3 Escada



A entrada principal do parque é marcada pela primeira 1ª fase da imigração, o momento inicial, em que a cidade se beira do rio da Antas da início a sua formação e consolidação. Essa fase é representada na cobertura que se tem acesso pelo nível da Avenida Presidente Wilson. Nela, a água é o elemento de destaque, com um extenso espelho d'água as águas do rio das Antas são eternizadas. Além do elemento água também foi inserido pontos de vegetação da espécie " papiro brasileiro " justamente por apresentar hastes longas com uma cabeleira de folhas finas nas pontas que se adaptam muito bem ao sol, na beira de espelhos d'água e que se assemelham as plantas aquáticas comuns a beira dos rios, assim relembrando o momento em que se encontrava a cidade na sua fundação com o rio da Antas e vegetação a sua beira.

A cobertura também se torna um grande espaço de convivência, de reflexão e de encontro para a população, além de um belíssimo mirante para o parque e para a cidade de Anápolis.

Os acessos para o nível inferior do parque são feitos através de um escada e do elevador que se encontram na cobertura.





2º FASE - Estação Ferroviária projeto de restauro

Mapa de danos



As esquadrias originais de 1970 da fachada sul eram de ferro mais foram alteradas na última reforma de 2001, atualmente são de magno.

Nas fachadas leste e oeste as esquadrias de ferro foram mantidas e a adição feita também manteve o mesmo material original.

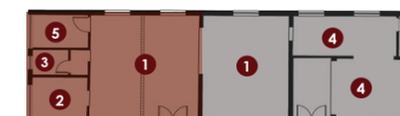


A cobertura da edificação ainda se mantém com telha francesa.

Já a cobertura que em 1950 era de duas águas desde sua reforma em 1971 é metálica.



Planta atual da estação panificadora escola

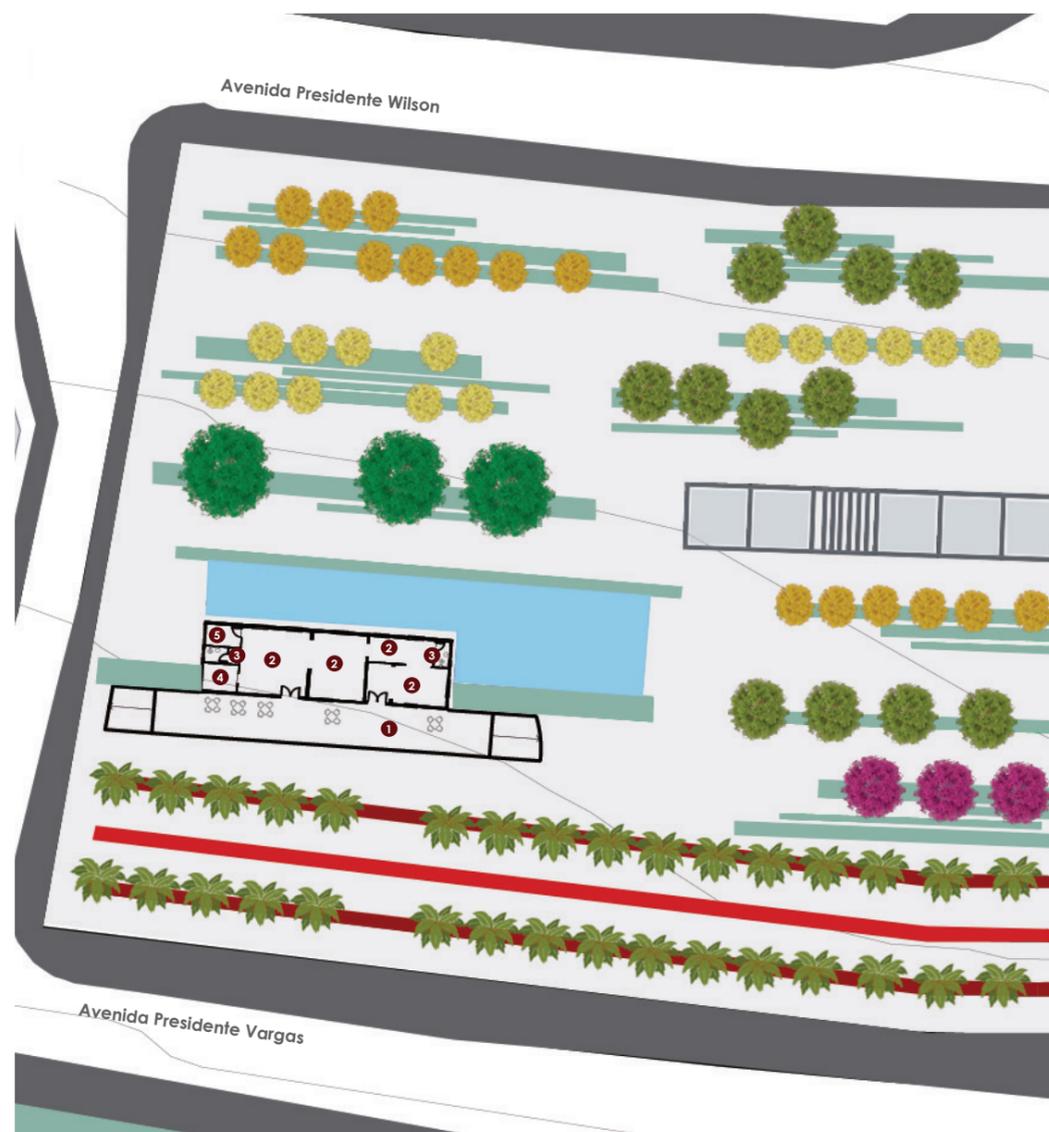


■ Planta de 1950 ■ Ampliação de 1970



- 1 Sala de Panificação
- 2 Cozinha
- 3 Sanitário
- 4 Área de serviço
- 5 Despensa

Planta proposta restauro criativo



- 1 Plataforma - área de convivência
- 2 Sala de exposição permanente
- 3 Sanitário
- 4 Sala de restauro
- 5 Dml



A 2ª fase da imigração é marcada pela chegada da ferrovia por isso a estação Engenheiro Castilho é o grande destaque desta fase. A estação sofreu duas alterações uma ampliação em 1970 e uma reforma 2001, mais ainda assim é possível através de documentos fotográficos registrar as mudanças que ocorreram no edifício.

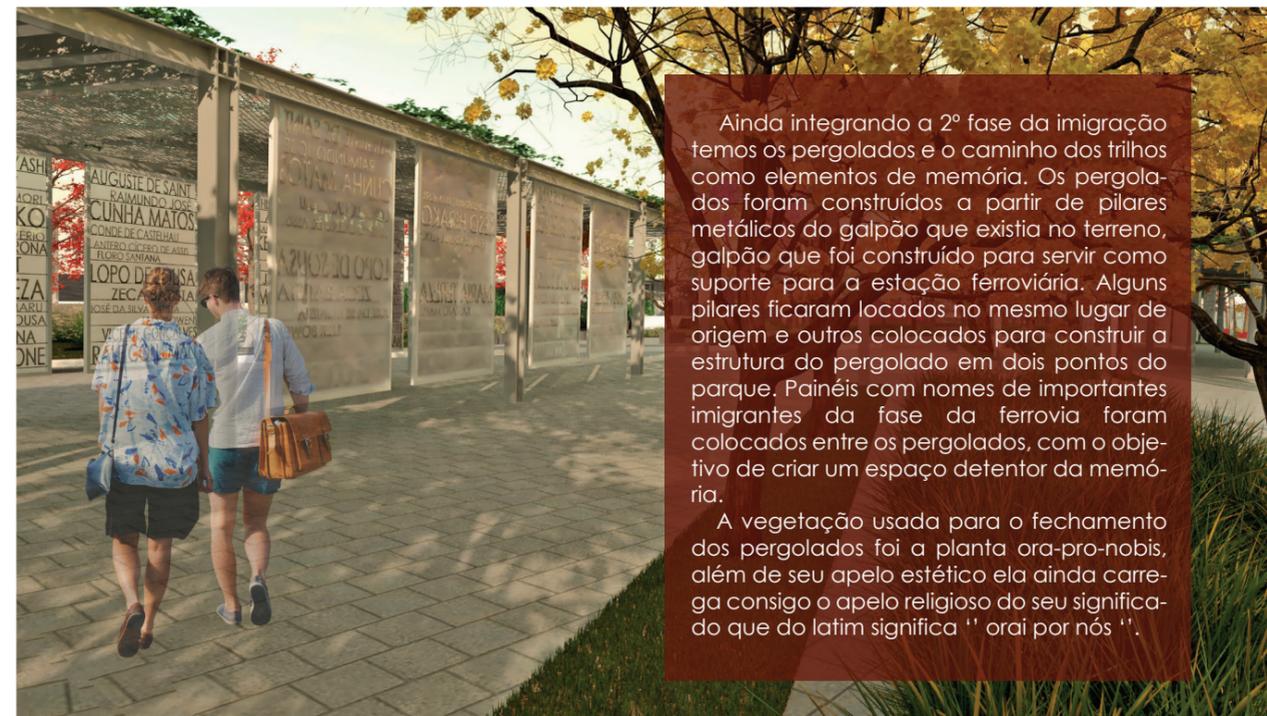
O projeto de restauro da estação propõe interferências com um restauro crítico-criativo, apresentado por Renato Bonelli, que visa o uso de elementos novos que remetam aos antigos. Deste modo foi proposto uma nova cobertura da plataforma de embarque e desembarque, que remete a forma original da primeira cobertura com duas águas porém com elementos novos: cobertura com telhas de policarbonato sustentadas por uma estrutura metálica. Para as janelas foi proposto o mesmo desenho das originais com esquadria branca e vidro transparente; na fachada a proposta foi retirar o detalhe art déco que foi acrescentado em 1971 e voltar a cobertura para o desenho original. Em relação a cor a proposta foi pintar-lá de bege claro que provavelmente seria sua cor original, essa suposição foi feita através de comparações com estações em Goiás da mesma época já que não existem registros fotográficos coloridos.

O programa da estação foi organizado para receber uma exposição permanente com acervo ferroviário sem precisar demolir ou construir nenhuma parede, além da exposição ele ainda contará com uma sala para restauro, sanitário, dml e uma área de convivência na plataforma para que as pessoas sintam como era a esperar da chegada do trem.

Na frente da estação foi inserido um espelho d'água com o objetivo de reforçar o seu destaque através de sua sombra nas águas.



Pergolados painéis do imigrantes



Ainda integrando a 2ª fase da imigração temos os pergolados e o caminho dos trilhos como elementos de memória. Os pergolados foram construídos a partir de pilares metálicos do galpão que existia no terreno, galpão que foi construído para servir como suporte para a estação ferroviária. Alguns pilares ficaram locados no mesmo lugar de origem e outros colocados para construir a estrutura do pergolado em dois pontos do parque. Painéis com nomes de importantes imigrantes da fase da ferrovia foram colocados entre os pergolados, com o objetivo de criar um espaço detentor da memória.

A vegetação usada para o fechamento dos pergolados foi a planta ora-pro-nobis, além de seu apelo estético ela ainda carrega consigo o apelo religioso do seu significado que do latim significa " oraí por nós ".



Caminho dos trilhos marcação no terreno

Após a análise de registros fotográficos e do mapa ferroviário em Anápolis foi possível traçar o caminho dos trilhos no terreno. A marcação dos dois trilhos das extremidades foram feitas com um piso diferente e com o plantio de coqueiros. No trilho do meio foi inserido um banco contínuo que atravessa todo o parque, por conta de suas diferentes alturas ele pode ser apropriado não apenas como assento mais também como espaço de descanso, diversão e contemplação, surgindo com um elemento vivo dentro do parque.

O material usado para a construção do banco foi o concreto colorido vermelho, a cor vibrante foi escolhida com o objetivo de se destacar e se orientar no parque.



Parque da Memória

3º FASE - Brasília
o edifício

4º FASE - Base Aérea

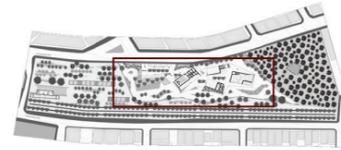
5º FASE - Daia



■ Brasília ■ Base Aérea ■ Daia



- | | | |
|--------------------------------|---------------------------------|------------------------------|
| 1 Sala de exposição permanente | 8 Sala administração | 15 Recebimento da copa |
| 2 Foyer | 9 Recepção da administração | 16 Cozinha |
| 3 Sala de projeção | 10 Sala de exposição temporária | 17 Café |
| 4 Auditório | 11 Câmara escura | 18 Wc masculino |
| 5 Almoxarifado central | 12 Sala de vídeo | 19 Wc feminino |
| 6 Sala de restauro | 13 Sala de exposição temporária | 20 Wc acessível |
| 7 Recebimento e catagolação | 14 Dml | 21 Recepção biblioteca |
| | | 22 Biblioteca |
| | | 23 Sala de estudos |
| | | 24 Recebimento e catagolação |
| | | 25 Sala administração |
| | | 26 Pátio |
| | | 27 Estacionamento |



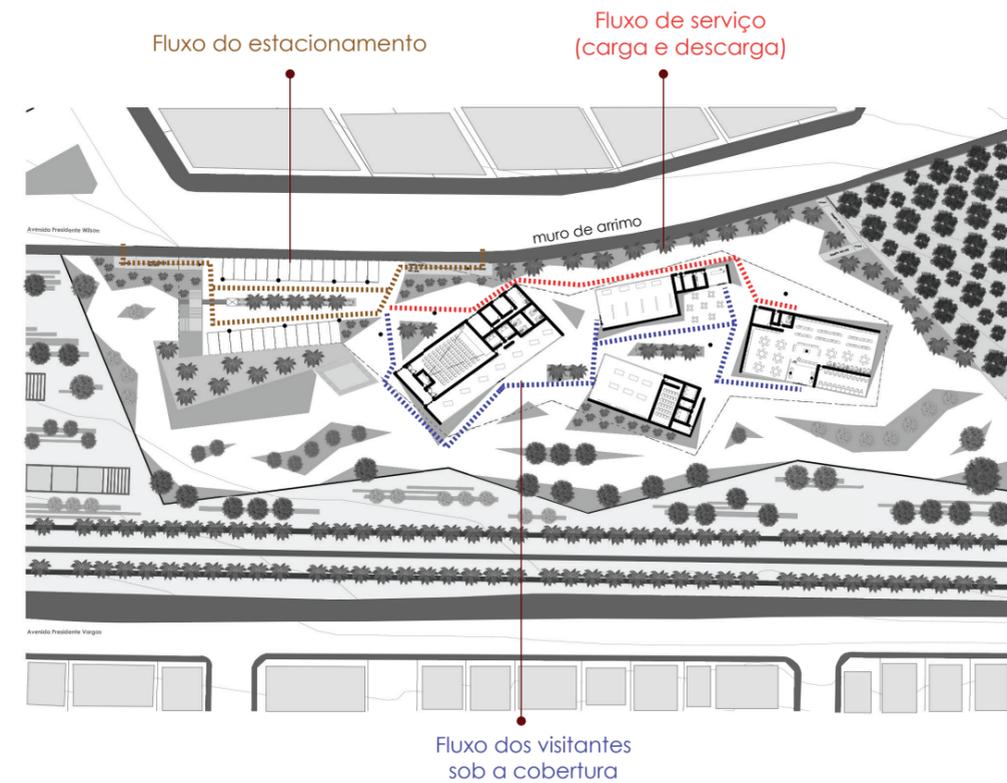
As últimas três fases serão apresentadas juntas pois acontecem sob uma mesma cobertura (sobre essa cobertura acontece a fase da fundação já apresentada).

Apesar de diferentes essas três fases aconteceram cronologicamente em um menor espaço de tempo isso explica o fato de seus edifícios estarem próximos. Com exceção da fase da Base Aérea que contém dois blocos de edifícios as outras fases Brasília e Daia apresentam apenas um bloco de edifício, os blocos se diferenciam principalmente por suas cores, o material usado foi o concreto colorido ripado porém em cada fase abrangendo uma cor diferente.

Em todos foram implantadas salas e espaços de exposições que relembre e guarde na memória a história desses momentos.

Além de salas também foi criada a biblioteca do imigrante que atenderá não só os visitantes com livros e documentos relacionados a imigração como também aos estudantes e toda a população anapolina. Um auditório com capacidade para 130 pessoas foi inserido para a realização de palestras, apresentações e etc, implantado próximo ao estacionamento com o objetivo de facilitar o acesso e os fluxos.

Ainda que separados os blocos se comunicam entre si servindo um de apoio ao outro. Por fim, é importante resaltar que todas os ambientes de serviço ou carga e descarga foram colocados com o acesso para o lado do muro de arrimo onde é menos visível ao parque e assim evitará maiores transtornos. No diagrama abaixo é possível entender melhor como acontece e se dividem os fluxos sob a cobertura.





Materialidade



Concreto colorido
ripado vermelho



Vidro de
alta seletividade



Concreto colorido
ripado marron



Vidro de
alta seletividade

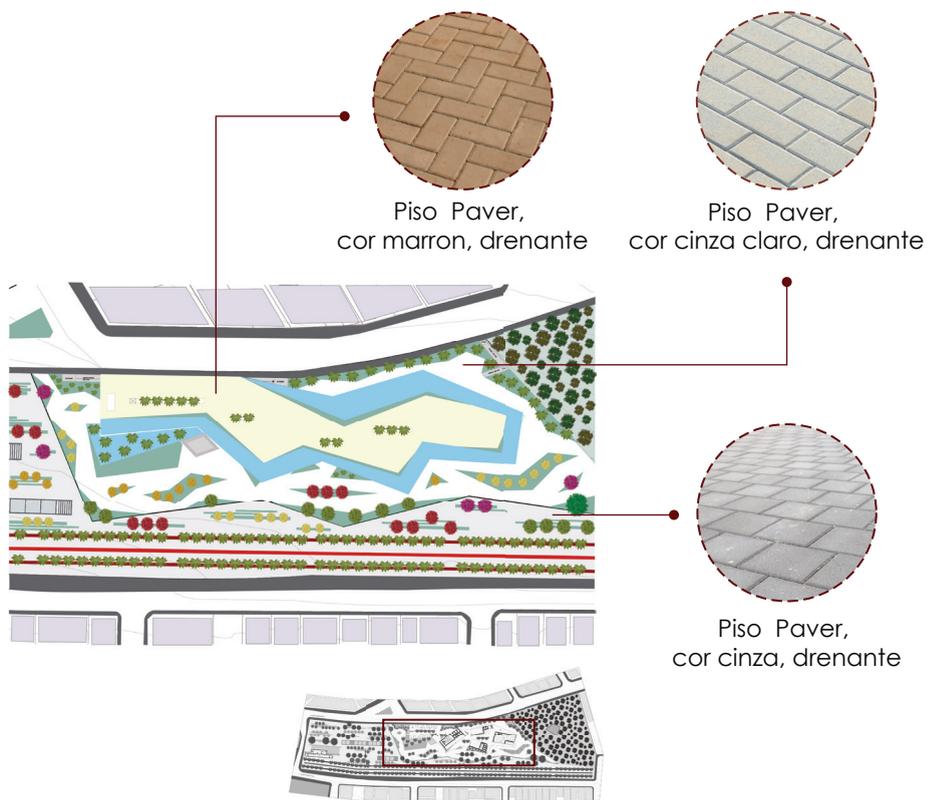


Concreto colorido
ripado cinza

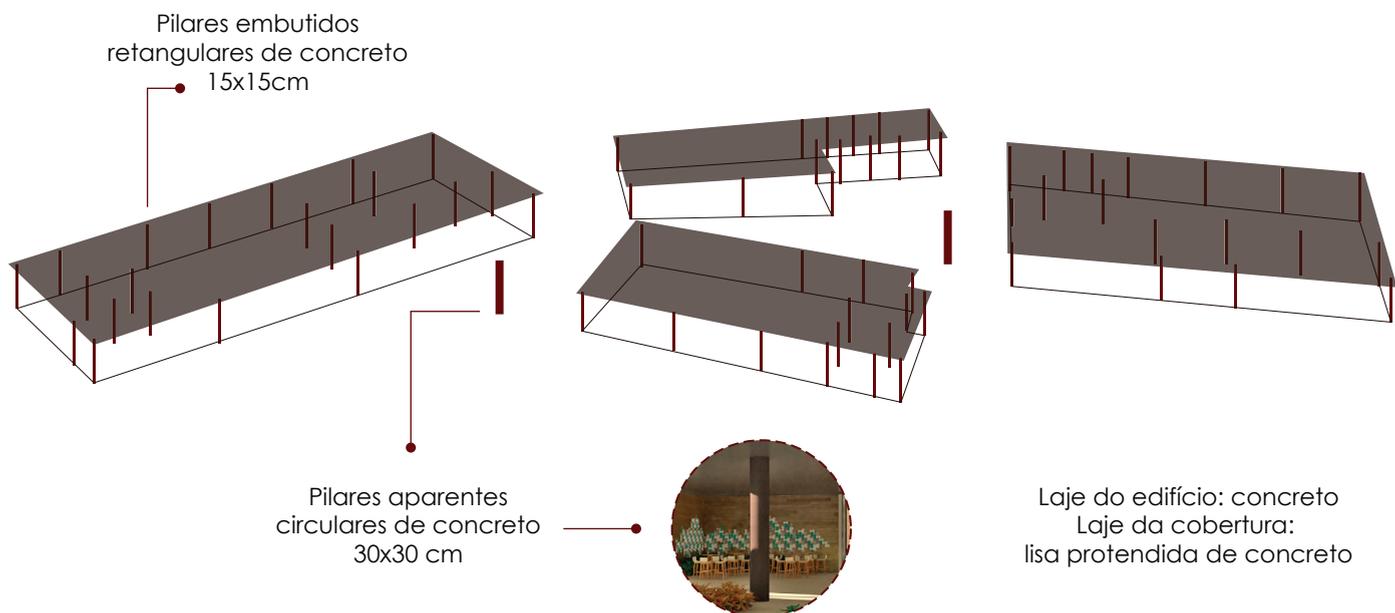


Vidro de
alta seletividade

Paginação

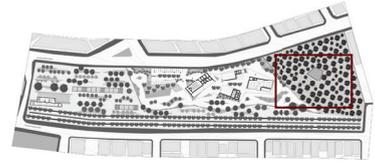


Estrutura



Deck / Mirante

área de recomposição ambiental



Após conhecer todas as fases da imigração o visitante terá pela frente uma trilha a percorrer até chegar a um mirante no deck, lá se transforma em mais um espaço de contemplação para parque onde as pessoas poderão refletir sobre todos os acontecimentos que foram visto e em tudo o que poderá vir a acontecer.

Neste mesmo espaço foi implantado uma área de recomposição ambiental com o plantio de espécies do cerrado para a recuperação da cobertura vegetal. A escolha por espécies apenas do cerrado foi pelo fato de ser um bioma que vem sofrendo muito com o desmatamento o que está ocasionando a escassez e até a extinção de

algumas espécies. O grande objetivo então é promover a conservação e recuperação deste bioma.

A intenção é que o plantio dessas mudas sejam feitas em conjunto. A proposta é envolver estudantes de todos os cursos das faculdades de Anápolis, onde cada curso ficará responsável em auxiliar no plantio de determinada espécie. O objetivo de envolver os estudantes nesse trabalho é pelo fato de hoje Anápolis ser uma cidade que recebe muitos estudantes de cidades vizinhas e até mesmo distantes, então todos eles também tem sua contribuição no crescimento e na formação da cidade de Anápolis.

Detalhamento das Espécies

paisagismo do parque



Nome Científico: *Physocalymma sacaberrimum*
Nome Popular: Cega Machado
Altura: 5 a 10 metros
Floração: julho a outubro



Nome Científico: *Pennisetum setaceum*
Nome Popular: Capim-do-texas
Altura: até 1,5 metros



Nome Científico: *Erythrina mulungu*
Nome Popular: Mulungu
Altura: 10 a 14 metros
Floração: julho a setembro



Nome Científico: *Cyperus giganteus*
Nome Popular: Papiro-brasileiro
Altura: até 2 metros



Nome Científico: *Machaerium opacum*
Nome Popular: Jacarandá do cerrado
Altura: 10 a 15 metros
Floração: primavera



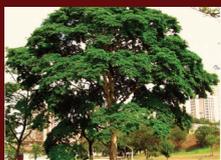
Nome Científico: *Agapanthus africanus*
Nome Popular: Agapanthus
Altura: até 1 metro



Nome Científico: *Handroanthus albus*
Nome Popular: Ipê-amarelo
Altura: 6 a 14 metros
Floração: julho a setembro



Nome Científico: *Ctenanthe oppenheimiana*
Nome Popular: Marantas tricolor
Altura: até 80 centímetros



Nome Científico: *Caesalpinia leiostachya*
Nome Popular: Pau ferro
Altura: 15 a 20 metros
Floração: verão e outono



Nome Científico: *Philodendron hederaceum*
Nome Popular: Filodentro
Altura: até 1 metro



Nome Científico: *Tabebuia roseo-alba*
Nome Popular: Ipê-branco
Altura: 6 a 14 metros
Floração: agosto a outubro



Nome Científico: *Chlorophytum comosum*
Nome Popular: Clorofito
Altura: até 80 centímetros



Nome Científico: *Carpentaria acuminata*
Nome Popular: Palmeira Carpentária
Altura: 12 a 15 metros



Nome Científico: *Salvia splendens*
Nome Popular: Salvia vermelha
Altura: até 80 centímetros



Nome Científico: *Syagrus romanzoffiana*
Nome Popular: Palmeira Jerivá
Altura: 12 a 15 metros



Nome Científico: *Pereskia aculeata*
Nome Popular: Ora-pro-nóbis



Nome Científico: *Mauritia flexuosa*
Nome Popular: Buriti
Altura: 20 a 30 metros



Nome Científico: *Hemerocallis x hybrida*
Nome Popular: Hemerocállis
Altura: até 1 metro



Nome Científico: *Beaucarnea recurvata*
Nome Popular: Pata de elefante
Altura: 4 a 5 metros



Nome Científico: *Arachis repens*
Nome Popular: Grama-amendoin
Altura: até 30 centímetros

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Jorge. O Memorial como instituição no sistema de museus: Conceitos e práticas de um conteúdo. Disponível em: <<http://www.memorial.mppr.mp.br/arquivos/File/Barcellos.pdf>>. Acesso em: 18 de set. 2017

BERGSON, Henri. Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

FREITAS, Rivalino Antônio de. Anápolis, passado e presente. Anápolis: Voga, 1994.

Le Goff, Jacques, 1924, História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

POLONIAL, Juscelino. Anápolis nos Tempos da Ferrovia. Anápolis: Kelps, 2011.

POLONIAL, Jucelino M. Ensaio Sobre a História de Anápolis. Anápolis: AEE, 2000.

